

A Fundação das Relações Históricas e Comerciais Entre Portugal e Timor (1512-1522)

JOSÉ MANUEL GARCIA*

A multissecular história das relações estabelecidas entre povos separados por mais de 15 000 km como são os Portugueses e os Timorenses começa a organizar-se ao longo da década que se alarga entre 1512 e 1522. Trata-se de um período que estrutura parte importante das estratégias de circulação comercial portuguesa em Timor e nas suas ilhas adjacentes, mas não tendo suscitado nem atenção especial da cronística oficial ultramarina dos séculos XVI e XVII nem produzido documentação abundante e significativa¹. Limitações que se explicam imediatamente pela posição marginal de Timor relativamente aos grandes centros de poder político, militar e económico do Sudeste Asiático, oferecendo apenas uma produção económica com importância no jogo das trocas mercantis intra-asiáticas: o sândalo branco. Extremamente abundante no Timor pré-colonial, o sândalo era já procurado por comerciantes chineses e javaneses muito antes dos começos das movimentações portuguesas nesta região insular. Consumido como incenso e fragrante, o sândalo timorense rumava para as cortes chinesas e indianas, sendo mesmo identificado pela presença

portuguesa no mundo asiático tanto nos enclaves e feitorias da Índia como em Malaca, depois da conquista da cidade.

A primeira imagem que a corte régia manuelina e os responsáveis políticos do chamado “Estado da Índia” tiveram da ilha Timor é conhecida, pois corresponde à representação cartográfica traçada pelo piloto e cartógrafo Francisco Rodrigues, de acordo com a forma que viu expressa num mapa encontrado em Malaca, em 1511, na posse de um piloto javanês. Esta mapa “oriental” foi adaptado a uma forma cartográfica “portuguesa” por Rodrigues, seguindo ordens de Afonso de Albuquerque, rumando depois esta cópia ao encontro do rei D. Manuel que, neste período, procurava reunir informações que permitissem decidir as suas estratégias políticas e comerciais asiáticas. Francisco Rodrigues manteve uma outra cópia desse mapa introduzida num “atlas” que se encontra em livro manuscrito concluído em 1515 e enviado no ano seguinte para Portugal². A ilha de Timor está desenhada no fólio 37 desta obra de Rodrigues e no seu interior inscreveu-se a significativa legenda: “A Ilha de timor homde naçe o sammollo”³. A forma como esta e as restantes ilhas se encontram traçadas nessa folha manuscrita revela que não estamos perante trabalho original daquele jovem piloto e cartógrafo português, mas antes perante uma evidente cópia de informação cartográfica em circulação entre navegadores e comerciantes asiáticos. Este facto, contudo, não impede por completo a possibilidade dos portugueses poderem eventualmente ter feito um primeiro avistamento

* Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem-se dedicado ao período dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, desenvolvendo trabalho especializado no domínio da historiografia. Actualmente, é investigador no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e vogal da Direcção do Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático (CEPESA).

Graduate in History from Lisbon University's Faculty of Arts, his research focuses on the historiography of Portugal in the Age of Discovery. He is currently a researcher at the National Archives Institute/Torre do Tombo, and member of the Board of the Portuguese Centre of Studies on Southeast Asia (CEPESA).

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

longínquo do norte da ilha de Timor quando, em 1512, regressavam a Malaca, depois de nesse ano a armada dirigida por António de Abreu, na qual Francisco Rodrigues participou como piloto, ter ido a Ambon e Banda. Esta hipótese talvez se possa colocar se aceitarmos que as formidáveis 62 vistas de ilhas da Indonésia desenhadas por Rodrigues a partir do fólio 43 do seu livro manuscrito começaram a ser debuxadas desde a ponta oriental da ilha de Alor, sendo daí possível descortinar Timor, pelo menos em condições climáticas especialmente favoráveis. Poderia reforçar a plausibilidade desta frágil hipótese a referência feita por António Galvão no seu célebre *Tratado dos Descobrimentos* ao rematar a narrativa relativa à viagem da armada de António de Abreu esclarecendo que este “fez seu caminho pera Malaca, deixando descoberto todo aquele mar e terra nomeadas”⁴.

Quando, por 1515, Francisco Rodrigues acabou de preparar, mas não completar, o seu importante livro manuscrito, casando mapas, desenhos e informação náutica, incluiu também no volume uma cópia da *Suma Oriental* escrita pelo boticário Tomé Pires, obra igualmente concluída nesse ano, depois de ter sido começada a redigir em Malaca, em 1512. No texto sobre Timor que Tomé Pires organizou para a sua larga memória das sociedades e economias asiáticas verifica-se que este território insular foi descrito mobilizando testemunhos recolhidos em Malaca junto de informadores locais, mas permitindo uma primeira descrição demorada explicando que

“Antre esta ilha de Solor e a de Bima é o canal para as ilhas de Timor, onde há os sândalos, de que logo se dirá. Nestas ilhas já ditas valem as mercadorias que valem em Java.

Antre as ilhas de Bima e de Solor se faz um canal grande, por onde vão às ilhas dos sândalos. Todas as ilhas de Java para diante se chamam Timor, porque na linguagem da terra timor quer dizer levante, como se dissessem ‘as ilhas de levante’. Por principal se chamam as ilhas de Timor estas duas, donde vêm os sândalos. As ilhas de Timor são de reis gentios. Nestas duas há grande soma de sândalos brancos; valem muito barato porque os matos não têm outra madeira. Dizem os mercadores malaio que Deus criou Timor de sândalos; e Banda de maçãs; e as de Maluco de cravo, e que no mundo não é sabida outra parte em que estas mercadorias haja,

somente nestas. E eu perguntei e inquiri diligentemente se estas mercadorias havia em outra parte, e todos dizem que não.

Deste canal até às ilhas de Maluco, navegando com bom vento, vão em seis, sete dias. São estas ilhas doentias. A gente não é muito verdadeira. A esta ilha vão de Malaca e de Java cada ano, e vêm os sândalos a Malaca. É boa mercadoria em Malaca, porque entre todas as nações de cá se costumam mormente entre os gentios.

Levam lá sinabafos, panchavalizes, sinhas, balachos, cotabalachos, que são panos brancos. Valem em Timor panos de Cambaia baixos, e por pouca mercadoria carregam os juncos de sândalos. É rica a viagem de Timor e doentia. Partem de Malaca na monção e tempo que vão a Banda nesse torno. Dizem que entre as terras de Bima e Solor há pedras, e que se perdem, se não vão pelo canal, e isto será obra de meia légua onde há este perigo, e que é bom abocá-lo de dia”⁵.

Contemporâneas desta importante notícia compilada por Tomé Pires são também as informações redigidas na Índia por Duarte Barbosa e reunidas numa obra manuscrita sem título, normalmente difundida como *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, provavelmente concluída à roda de 1516, ano em que o trabalho viajou para Portugal. Nesta memória manuscrita incluem-se os poucos dados que o seu autor conseguiu obter na Índia sobre Timor, em seguida reproduzidos de acordo com a cópia da versão portuguesa mais antiga que se conhece deste texto, datada de 1529:

“A ilha de Timor

Indo mais ao diante, deixando estas ilhas de Java Maior e Menor, ao mar mesmo destas ilhas, estão muitas ilhas, grandes e pequenas, povoadas de gentios, e assim de alguns mouros, entre as quais está uma ilha que chamam Timor.

Tem rei e língua sobre si.

Nesta ilha nasce muito sândalo-branco, que os mouros muito estimam em a Índia e Pérsia, onde se gasta muita soma dele, o qual é muito boa mercadoria e tem muito grande valia em a terra do Malabar e Narsinga e Cambaia.

As naus de Malaca e Java, que mesmo a Timor vão por ele levam por mercadoria, que dão por ele, machados, machadinhas, cutelos, espadas, muitos panos de Cambaia e de um lugar que chamam Paleacate, porcelanas, continhas de

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

muitas cores, estanho, azougue, chumbo. De maneira que, com estas mercadorias, carregam de muito sândalo, mel e cera e escravos, e de alguma prata que em a terra há⁶.

Sabemos também documentadamente que até 1514 os portugueses não tinham ainda visitado a ilha de Timor, como ressalta das bem conhecidas afirmações feitas em duas cartas que, datadas de 6 de Janeiro de 1514 por Rui de Brito Patalim, o primeiro capitão de Malaca, foram dirigidas respectivamente a Afonso de Albuquerque e ao rei D. Manuel. Estes documentos contêm alusões às viagens que se pretendiam realizar a Timor, reunindo também informações sobre a ilha, lendo-se no primeiro texto epistolar que

“A Timor quisera mandar e, por não ter junco, não foram esta monção lá; pera o ano, prazendo a Nosso Senhor, irão lá, pera trazerem o sândalo; é muito boa navegação”⁷.

Na segunda carta oferecem-se algumas informações gerais para a identificação de Timor, explicitando-se com algum interesse comercial que

“Timor é de uma ilha além de Java, tem muito sândalo, muito mel, muita cera; não tem juncos pera navegar; é ilha grande, de cafres; por não haver junco, não foram lá”⁸.

Discutindo esta indicação “pera o ano, prazendo a Nosso Senhor, irão lá”, depreende-se que algum navio com portugueses possa ter tentado alcançar Timor nos inícios de 1515, altura em que a monção o permitia, mas sobre esta possível viagem não existe qualquer documentação, ainda que possa associar-se à referência de Tomé Pires na sua *Suma Oriental* ao escrever que

“as nossas naus (foram) a Java, a Banda: À China (foi um) junco e a Pacém, a Paleacate (também foram). Agora vão a Timor por sândalos e vão a outras partes. Foi já nosso junco a Pegu, ao porto de Martaniane”⁹.

Sucedendo a Rui de Brito Patalim como capitão de Malaca em inícios de Junho de 1514, Jorge de Albuquerque escreveu a D. Manuel I uma carta em 8 de Janeiro de 1515 destacando alguns dos principais bens dos tratos que se faziam em Malaca, referindo explicitamente “o cravo de Maluco, e de maçãs e noz de Banda, e do sândalo de Timor”¹⁰. O seu testemunho documental não regista, porém, qualquer notícia de uma viagem portuguesa à ilha de Timor, sendo possível que as produções referidas, sândalo incluído, continuassem a ser negociadas no porto de Malaca

através da intermediação de comerciantes locais, sobretudo javaneses. Seja como for, desde a conquista de Malaca, oficiais e mercadores portugueses rapidamente se aperceberam de quais eram os produtos fundamentais que interessavam ao comércio asiático e os seus circuitos nodais entre a China, o Sudeste Asiático e a Índia, procurando começar a participar activamente nos mercados existentes e integrando-os mesmo numa sorte de sistema à escala mundial. É neste amplo plano de interferência mercantil que se situa a importância do negócio do sândalo de Timor que, mostrando-se produto lucrativo, não conseguia sobrepujar o interesse central dos tratos das especiarias da Indonésia Oriental, funcionando assim como um escambo comercial complementar. O sândalo era procurado em muitos mercados orientais, sobretudo na Índia e a China, ainda que esta última região tivesse ficado fechada aos mercadores portugueses durante algumas décadas a partir de 1522. O mercado chinês, recorde-se, só se começou a reabrir a Portugal desde cerca de 1539 e, sobretudo, de 1555-57, com o estabelecimento dos portugueses em Macau por onde passariam muitos dos futuros negócios portugueses, nomeadamente privados, com o sândalo de Timor.

As notícias sobre a existência Timor e do seu principal produto de interesse comercial começaram também a divulgar-se na Europa a partir de 1514, como o atesta a carta que, a 6 de Novembro desse ano, o florentino Giovanni da Empoli concluiu em Lisboa e enviou ao seu pai, depois de ter vindo do Oriente, passando por Malaca em 1511. Neste documento, depois de se aludir a Java, informa-se laconicamente que “*E più avanti è Timor; honde viene sandali, biancho e vermiglio*”¹¹.

A primeira viagem de portugueses a Timor que se encontra rigorosamente documentada descobre-se numa passagem raras vezes referida de uma carta enviada por Pero de Faria a D. Manuel, escrita em Malaca em 5 de Janeiro de 1517. Fixando-se em Malaca entre 1511 e 1518, este fidalgo trata no seu texto com algum pormenor do comércio do sândalo, mencionando uma viagem portuguesa à ilha de Timor que provavelmente terá partido de Malaca nos finais de 1515, concretizando ordens de Jorge de Brito, capitão de Malaca que chegara à cidade malaia possivelmente em finais de Outubro de 1515. Acompanhe-se o importante testemunho de Pero de Faria que, nem sempre muito claro, esclarece estes contactos desses pioneiros portugueses em Timor:

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

“Assim mais foi um junco a Timor, em que foi Jorge Fogaça por capitão e dous criados de Jorge de Brito, um por feitor e outro por escrivão, levando-vos outrossim a metade. Nos trouxeram trinta *bares*, que ao menos que nos podiam trazer eram duzentas; e Jorge de Brito trouxe trinta e tantas e Nuno Vaz e os oficias outro tanto. Sobre isso cai-se a terra toda levantada porque os homens portugueses espancavam os mercadores da terra e os oficiais vossos compraram o dito sândalo a Jorge de Brito o *baar* a trinta cruzados, pagos logo em cruzados, que é bem diferente assim a paga como o proveito, valendo lá nas ditas partes o *baar* a dous cruzados (e) em Malaca a trinta, é um pouco diferente.

Assim mais se aí, perderam dous juncos em Banda e dous em Timor, nos quais juncos vos recebestes toda a perda e Nuno Vaz e Jorge de Brito não perderam nada, e os capitães e feitores escrivães vieram mais ricos, que virem os juncos ao salvamento. Assim a vossa alteza não abasta perder sua fazenda por culpa das pessoas que vão nos ditos juncos mas ainda os mercadores da terra são perdidos e desbaratados, por receberem as tais perdas porque não tendes já mercadores em Malaca...”¹².

Estamos diante de um testemunho tão relevante como crítico, indicando duplamente o interesse complementar do trato do sândalo no interior do sistema do comércio das especiarias da Indonésia Oriental e a sua imediata apropriação por interesses mercantis privados que mobilizavam até as próprias autoridades portuguesas de Malaca. Mais importante ainda, a carta de Pero de Faria ainda com essa indicação dos “trinta *baares*” de sândalo trazidos para o rei uma noção quantitativa rara na documentação quinhentista. Esta quantidade permite calcular que esse peso de madeira de sândalo corresponderia a cerca de 5,520 toneladas, pois segundo António Nunes no seu *Livro dos Pesos da Índia, e assim Medidas e Moedas*, escrito em 1554, o sândalo era pesado em Malaca com *baares* de 3 quintais, 2 arrobas e 10 arráteis¹³, cada um perto de 184 quilogramas. Pero de Faria registou ainda a estimativa que se poderia então tirar dos carregamentos de sândalo em Timor para o rei em cerca de 200 *bares*, qualquer coisa como 36,8 toneladas, dando ainda a entender que na viagem que relata a lucrativa madeira fora largamente carregada por particulares. Tentando

perspectivar historicamente esta dimensão quantitativa dos escambos de sândalo que se obtinham em Timor pode mobilizar-se com vantagens uma estimativa posterior que, ainda não citada, foi feita por um dominicano anónimo escrevendo em 1642 um tratado sem título sobre Timor no qual apontou uma produção anual na ordem das 276 a 368 toneladas:

“O pau de sândalo, que nela se dá, é tanto que se tiram todos os anos de mil e quinhentos pera dois mil *bares*, e nunca esgota, nem se sente falta dele, em todas as partes da ilha onde se vai buscar, sendo que há muitos anos que se tem tirado e tira sempre esta quantia, por via dos Portugueses...”¹⁴.

A carta de Pero de Faria é a vários títulos elucidativa do ambiente de rivalidades pessoais e estratégias privadas debruçadas em torno do comércio do sândalo, revelando-se no seu texto contra as práticas de Jorge de Brito e dos interesses económicos individuais que estariam claramente a prejudicar os interesses régios instalados no comércio sediado em Malaca. Ao mesmo tempo, reportam-se também neste documento situações de comportamentos portugueses menos próprios para com as populações locais, indiciando mesmo práticas comerciais violentas: “... a terra toda levantada, porque os homens portugueses espancavam os mercadores da terra”. Este testemunho identifica ainda com clareza uma comunicação comercial concretizada por um navio dirigido por Jorge Fogaça alcançando Timor em 1516 juntamente com dois juncos que, contudo, se perderam: “... mais se aí perderam dous juncos em Banda e dous em Timor, nos quais juncos vos recebestes toda a perda”. Esta perda dos dois juncos que foram a Banda está registada por outras fontes, validando assim uma estratégia que viria a ser largamente continuada nas décadas seguintes, organizando a viagem comercial a Timor enquanto complemento mercantil dos tratos fundamentais das especiarias negociadas entre Banda e o norte das Molucas, sobretudo em Ternate e Tidore.

A seguir, em carta do capitão de Malaca Afonso Lopes da Costa para o rei D. Manuel, enviada de Malaca, a 20 de Agosto de 1518, recuperam-se novas referências a Timor ao aludir-se a Gresik como escala na ilha de Java, indicando-se que “O porto de Agaci, que é o maior e mais principal de Agaci por onde hão-de ir os nossos juncos, que vão pera Banda e Timor e Maluco”¹⁵. Este itinerário repete-se mais à frente, sublinhando novamente o documento para o monarca

MACAO – EAST TIMOR HISTORIC RELATIONS

português que “... o porto de Agaci, por onde os nossos juncos vão e vêm para Timor, Banda, Maluco”¹⁶. Em continuação, a carta esclarece ainda que “em Banda e Timor, estes reis têm portos muito bons e muitos mantimentos e são gentios e aborrece-lhes a conversação dos mouros”¹⁷. Informações depois alargadas com duas breves e incompletas alusões ao comércio do sândalo timorense¹⁸. Estas indicações são suficientes para comprovar que os tratos do sândalo se estruturavam no interior dos tratos mais amplos das especiarias das Molucas, encontrando-se já nos horizontes de 1518 perfeitamente identificado e normalizado um itinerário marítimo comercial que, saindo de Malaca, se dirigia às ilhas da Banda agregando em regime de complementaridade mercantil, oficial e privada, os carregamentos do lucrativo sândalo timorense.

Nos anos seguintes não se arrolam renovados vestígios documentais que atestem a presença de tratos portugueses em Timor, mas depreende-se pelas notícias anteriores e desenvolvimentos posteriores que a regularidade anual destas viagens perfeitamente sistematizadas deixava de obrigar ao seu pormenorizado registo documental. Um testemunho importante desta regularidade da presença portuguesa nos circuitos do trato do sândalo timorense encontra-se referenciado em 1522 devido a uma circunstância excepcional que se cruza com o empreendimento transoceânico de Fernão de Magalhães. Com efeito, a visita de portugueses a Timor nesse ano aparece documentada porque, durante a sua realização, foram encontrados dois castelhanos que tinham fugido para a ilha quando a nau *Victoria*, uma das sobreviventes da armada de Magalhães, passou pelo norte timorense vinda de Tidore. Este facto foi sabido por António de Brito nas Molucas quando, nesse mesmo ano, começou a erguer uma fortaleza em Ternate e tentou interceptar a expedição de Fernão de Magalhães. Esse fidalgo fizera uma escala em Banda, em Fevereiro de 1522, não tendo sabido que nesse mesmo mês um dos navios castelhanos que procurava estava precisamente em Timor, a cerca de 500 km. António de Brito em carta enviada de Ternate ao rei de Portugal, a 11 de Fevereiro de 1523, noticiou estas aventuras da viagem da *Victoria*, esclarecendo sobre a

“a determinação que levava a nau que partiu primeiro era ir de Maluco direito a Timor, com pilotos que lhe el-rei de Tidore deu, que os levasse lá e daí, se achassem mar grande, irem tomar a ilha de São Lourenço e fazerem o caminho que

fazem as naus de vossa alteza, que vão de cá da Índia”¹⁹.

A escala em Timor da *Victoria* encontra-se ainda descrita por António Pigafetta na sua magnífica crónica da grande aventura de Fernão de Magalhães, assinalando alguns dados sobre a visita a Timor desde a sua chegada, em 25 de Janeiro de 1522, até ao dia da partida, em 11 de Fevereiro de 1522. De entre as ocorrências que lhe mereceram mais atenção na ilha de Timor, para além de sugerir que os portugueses já ali haviam transmitido doenças venéreas, assinala-se a indicação do encontro de um junco de um mercador de Luzon, nas futuras Filipinas, que viera negociar em sândalo²⁰. Registe-se, contudo, que o aventureiro italiano não referiu a fuga de dois espanhóis a 5 de Janeiro de 1522 no porto de Labutara: Martin de Ayamonte e Bartolomeu de Saldanha. Assim, quando o navio espanhol partiu de Timor, estes dois homens acabaram por ficar em poder do referido mercador de Luzon, sendo depois recuperados por juncos de portugueses. Este facto está registado no texto que em seguida reproduzimos, revelando de forma elucidativa os nomes desta missão portuguesa viajando entre Malaca e Timor. Este documento foi escrito em Malaca, a 1 de Junho de 1522, compilando o resultado da inquirição feita sobre a forma como decorreria a viagem de Fernão de Magalhães, de acordo com o depoimento então reportado por Martin de Ayamonte. Eis o que nele se lê sobre Timor:

“Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e vinte e dois anos, primeiro dia do mês de Junho da dita era, nesta fortaleza de Malaca, sendo Jorge de Albuquerque, fidalgo da casa del-rei nosso senhor, capitão dela por o dito senhor, chegaram ao porto da dita fortaleza Álvaro Juzarte, capitão de um junco pequeno, e João Moreno e Duarte Ferreira, criados do dito senhor, e um Brás Barreto, os quais vinham das ilhas de Timor, que foram com outros juncos carregar de sândalo, per mandado do dito capitão e Pero Soares de Sousa, capitão de um dos juncos que eram na dita ilha, achou dous homens castelhanos em poder de um lução, que também aí estava fazendo sua carga, os quais dous homens castelhanos ele tomou e pediu aos sobreditos que aqueles dous homens trouxessem logo a Malaca ao dito capitão, e os sobreditos, por ser serviço de sua alteza, os trouxeram logo e deixaram de fazer sua carga, os quais homens o

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

dito capitão fez vir perante si e lhes fez as perguntas abaixo escritas”²¹.

Parece tão significativo quanto quase simbólico que, numa fase inicial das relações entre Portugal e Timor, se recupere esta conexão a um evento tão significativo como foi a grande viagem projectada por Fernão de Magalhães, assumindo uma dimensão paradigmática na expansão ibérica e nas ligações entre a Europa e a Ásia. Esta perspectiva geral não deve fazer esquecer que a presença portuguesa centrada em Malaca integrou documentadamente desde, pelo menos, 1516

uma visita anual aos tratos do sândalo de Timor, passando assim a integrar complementarmente o território insular nesse jogo mais vasto das trocas económicas do rico mundo das especiarias do Sudeste Asiático. Na primeira década após a conquista de Malaca, a presença portuguesa na Insulíndia, reunindo esforços oficiais como aventuras privadas, conseguiu claramente integrar com regularidade a ilha de Timor num sistema muito mais vasto de intercâmbios económicos prefigurando uma sorte de primeira “globalização”. **RC**

NOTAS

- 1 Grande parte da bibliografia com os estudos sobre a História de Timor nos séculos XVI e XVII está referenciada por Roderik Ptak em “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, *Revista de Cultura*, n.º 1, Macau, 1987, pp. 36-45 e Rui Manuel Loureiro na sua introdução, selecção e notas de *Onde Nasce o Sândalo: os Portugueses em Timor nos séculos XVI e XVII* Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995. Cf. ainda de entre os estudos mais recentes sobre Timor o de Ivo Carneiro de Sousa, “Timor Leste desde muito antes dos Portugueses até 1769”, in *Encontros de Divulgação e Debate em Estudos Sociais*, número especial, Vila Nova de Gaia, 1998, pp. 5-22.
- 2 O atlas de Francisco Rodrigues está apresentado de forma fragmentária no volume *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1978.
- 3 *Ibidem*, estampa XXXII.
- 4 *Tratado dos Descobrimentos*, edição de Visconde de Lagoa, Porto, Livraria Civilização, 4.ª ed., 1987, p. 107.
- 5 *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão, pp. 328-329.
- 6 Utilizámos a edição de Maria Augusta da Veiga e Sousa em *Livro do que Viu e Ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 151 (cf. ainda a edição crítica da mesma autora em *O Livro de Duarte Barbosa*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1996, pp. 391-393).
- 7 Torre do Tombo, CC-I-14-52 publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 54.
- 8 Torre do Tombo: CC-I-14-49, publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, pp. 71-72.
- 9 *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, ed. de Armando Cortesão, p. 437.
- 10 Torre do Tombo: CC-III-5-87, publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, p. 76.
- 11 Cf. Laurence A. Noonan, *John of Empoli and his relations with Afonso de Albuquerque*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989, p. 176.
- 12 Esse documento encontra-se na Torre do Tombo com a cota gaveta 16, maço 3, n.º 5 bis, tendo sido publicado em *Gavetas da Torre do*

- Tombo*, vol. VI, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, pp. 337-359, estando a passagem que nos interessa e vamos citar no fólio 15r. do original e na p. 355 da edição. A partir da publicação citada, parte do extracto aqui considerado foi traduzido para inglês por Ronald Bishop Smith em *The First Age of the Portuguese Embassies, Navigations and Peregrinations to the Kingdoms and Islands of Southeast Asia (1509-1521)*, Bethesda, Decatur Press, 1968, p. 56, onde não indica de forma precisa a localização e edição do documento, além de apontar por duas vezes a data de “[alias 1518]”, ainda que na carta esteja claramente expreso o ano de 1517 no fólio 18 r. e nada indique que possa ter havido erro no seu registo em numeração árabe, que está grafado de forma clara. A partir da versão inglesa a carta foi referenciada por Roderik Ptak em “O transporte do sândalo para Macau e para a China durante a dinastia Ming”, *Revista de Cultura*, n.º 1, Macau, 1987, p. 38 e por Geoffrey C. Gunn em *Timor Loro Sae: 500 anos*, Macau, Livros do Oriente, 1999, p. 60.
- 13 Cf. a edição de Rodrigo José de Lima Felner em *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1868, p. 39.
- 14 Obra publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. 4, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1956, p. 489.
- 15 Torre do Tombo: Gaveta 16-21-16 publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, p. 102.
- 16 *Ibidem*, p. 103.
- 17 *Ibidem*, pp. 103-104.
- 18 *Ibidem*, pp. 105-106.
- 19 Torre do Tombo, Gaveta 18-6-9, publicada por Artur Basílio de Sá em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Insulíndia*, vol. I, p. 147.
- 20 Visconde de Lagoa, *Fernão de Magalhães: A Sua Vida e a Sua Viagem*, vol. II, Lisboa, Seara Nova, 1938, p. 192.
- 21 Torre do Tombo, CC-II-101-87, cujo texto foi publicado por António Baião em “A viagem de Fernão de Magalhães por uma testemunha presencial”, *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. I, 1933, pp. 276-281 (a citação que fazemos encontra-se na p. 277), tendo sido depois transcrito por Neves Águas na recolha *Fernão de Magalhães: A Primeira Viagem à Volta do Mundo Contada pelos que nela Participaram*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1987, pp. 187-197.